

# Corpo-arma e corpo-alvo: apontamentos sobre a corporeidade e o Holocausto

**Bibiana Gutierrez Fernandes de Sá**

Doutoranda em Comunicação e Cultura – ECO-UFRJ,  
Mestre em Ciência da Arte – UFF. E-mail: bibianadesa@gmail.com

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo apontar para algumas das muitas questões pertinentes ao Corpo envolvidas no Holocausto. Inicialmente será feito um apontamento para o biopoder como forma de regulação predominante a partir do século XIX, que, em sua articulação com as teorias eugênicas, foi o sustentáculo do Holocausto. Em seguida, será demonstrado especificamente como o uso das disciplinas corporais que alienam os sujeitos de seus atos, foi aplicado tanto na formação do soldado nazista quanto na subjugação do prisioneiro judeu. Por último, serão apontadas as diversas técnicas utilizadas nos campos de extermínio com o objetivo de retirar do corpo do soldado o gesto da morte e minimizar o cotidiano genocida a partir da desumanização das vítimas.

**Palavras-Chave:** Corpo, Biopoder, Disciplina, Holocausto.

## **Abstract**

*This work has as objective appears for some of the pertinent subjects involving the Body in the Holocaust. Initially it will demonstrate how biopower was a form of predominant regulation starting in the XIX century, being the support of the Holocaust, in its articulation with the eugenic theories. Afterwards, it will be specifically demonstrated how the use of corporal disciplines that alienate the subject of their actions was applied so much in the Nazi soldier's formation as in the Jewish prisoner's subjugation. Last, will be pointed several techniques used in the extermination fields with the objective of remove the gesture of the death of the soldier's body and to minimize the daily genocide starting from the victims' dehumanization.*

**Keywords:** Body, Biopower, Discipline, Holocaust.

*“É pelo estudo dos mecanismos que penetram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos, que é preciso construir a arqueologia das ciências humanas”*  
*Michel Foucault<sup>1</sup>*

No início de seu relato sobre o julgamento de Adolf Eichmann<sup>2</sup> em Jerusalém, Hannah Arendt<sup>3</sup> menciona a insistência do promotor do caso que, ao interrogar testemunhas sobreviventes dos campos de concentração e extermínio, sempre questionava por que milhares de judeus - entre eles alguns jovens e saudáveis - não se rebelaram a tempo e por que se deixaram matar aos milhares. A autora acrescenta a sua descrição de como os judeus marcharam para a morte com uma *“passividade submissa”*: *“chegando pontualmente nos pontos de transporte, andando sobre os próprios pés para os locais de execução, cavando os próprios túmulos, despindo-se e empilhando caprichosamente as próprias roupas, e deitando-se lado a lado para ser fuzilados”*. Esse comportamento não só dos judeus<sup>4</sup>, mas de todos os grupos humanos que foram perseguidos pelo regime nazista parece ser, até hoje uma das questões mais intrigantes acerca do Holocausto.

75

Durante o julgamento, perguntas tais como: *“por que embarcou no trem?”*, *“havia 15 mil pessoas paradas lá, com centenas de guardas à frente – porque vocês não se revoltaram e partiram para o ataque?”*, foram feitas pela promotora do caso, às quais a autora responde preliminarmente com um relato do sobrevivente do campo de Buchenwald, David Rousset<sup>5</sup>, ao afirmar que o Triunfo da SS foi justamente que a vítima se deixasse levar à morte sem protestar, de uma maneira que *“renuncie e se abandone a ponto de deixar de afirmar sua identidade”*, e que isto seria estratégico porque a organização nazista tinha o conhecimento de que: *“o sistema que consegue destruir suas vitimas antes que elas subam ao cadafalso... é incomparavelmente melhor para manter todo um povo em escravidão, em submissão”* pois: *“Nada é mais terrível do que essa procissão de seres humanos marchando como fantoches para a morte”*.

Este trabalho tem como objetivo apontar para algumas das muitas questões pertinentes ao Corpo envolvidas no Holocausto. O Corpo humano - em seu uso, flagelo, docilização, morte, despojos, treinamento e descolamento do sujeito-, parece ser fonte para algumas respostas, não só para as questões que se referem à subjugação dos judeus, como também para as de mesma ordem que apontam na direção contrária: Por que os soldados da SS não se rebelaram? Por que cumpriram as ordens? Por que torturaram e assassinaram maciça e repetidamente milhares de seres humanos? Por que alemães comuns, pais, filhos, maridos e irmãos, se deixaram utilizar como ferramenta de um sistema que fez milhões de vítimas?

O nazismo engloba as questões do Corpo, do sangue às cinzas, da eugenia ao desprezo. O corpo que justifica – eugenicamente e enquanto raça-; o corpo ao qual se subjuga – transformando homens em animais ou coisas-; o corpo

objeto de experiências e suplícios; o corpo que se dociliza, treina, disciplinariza, desumaniza e aliena. O corpo que aparece pleno, forte, vigoroso e idealizado nas cenas de Riefenstahl<sup>6</sup> é o mesmo corpo que submerge sobrevivente dos campos de extermínio, como descreve Tucherman<sup>7</sup>, como *“restos humanos”, ‘corpos sem carne’, cabeças sem cabelo [...] corpos humilhados, torturados, quase ausentes, humanos para alguém do nosso pior pesadelo”*.

Serão discutidas neste trabalho algumas destas muitas questões pertinentes ao corpo. Inicialmente, será feito um apontamento para o biopoder como forma de regulação predominante a partir do século XIX, que, em sua articulação com as teorias eugênicas, foi o sustentáculo do Holocausto. Em seguida, será demonstrado especificamente como o uso das disciplinas corporais que alienam os sujeitos de seus atos foi aplicado tanto na formação do soldado nazista quanto na subjugação do prisioneiro judeu, pois, como diz Nízia Villaça: *“falar do corpo disciplinado é falar do seu avesso, o corpo disciplinador, sendo que as fronteiras entre os dois tornam-se sempre mais confusas”*<sup>8</sup>. Por último, serão apontadas as diversas técnicas utilizadas nos campos de extermínio, com o objetivo de retirar do corpo do soldado o gesto da morte e minimizar o cotidiano genocida a partir da desumanização das vítimas.

## 76

## 1- Eugenia e Biopoder

*“Poder disciplinar, biopoder: tudo isso percorreu, sustentou a muque a sociedade nazista (assunção do biológico, da procriação, da hereditariedade; assunção também da doença, dos acidentes). Não há sociedade a um só tempo mais disciplinar e mais previdenciária do que a que foi implantada, ou em todo o caso projetada, pelos nazistas.”*  
Michel Foucault<sup>9</sup>

Para começarmos a expor as observações do Holocausto sob o olhar da corporeidade, é necessário apontar para o conceito de biopoder descrito por Michel Foucault em algumas de suas obras<sup>10</sup>. Esta abordagem será fundamental porque, segundo o autor, o que inseriu o racismo nos mecanismos do Estado foi justamente a emergência deste poder<sup>11</sup>.

Segundo Foucault, a partir do século XVII desenvolveu-se um poder sobre a vida em duas formas principais. A primeira forma estaria centralizada no corpo como máquina, em seu adestramento e na utilização de suas forças. A segunda forma estaria focada no corpo-espécie, *“transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar”*<sup>12</sup>. No século XIX, este poder teria tomado posse da vida e *“conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico”*, um poder que *“se incumbiu tanto do corpo quanto da vida [...] da vida em geral, com o*

*pólo do corpo e o pólo da população*<sup>13</sup>. Parece indubitável que a ideologia nazista utilizou-se das duas faces do biopoder, tanto na prática quanto na teoria, tanto da formação dos soldados e subjugação dos judeus, quanto na justificativa do anti-semitismo em seu projeto eugênico.

Para colocar em prática este projeto - que começou com um programa de “eutanásia” e prosseguiu com um dos maiores genocídios da história - o regime nazista se utilizou do poder sobre a vida e a morte. Foucault relata que, por muito tempo, este poder esteve nas mãos do soberano. Não apenas o direito de “dispor da vida” de seus súditos para defender a soberania, como também o direito de matar a título de castigo. A partir da Época Clássica, o poder teria deixado de ser um direito de apreensão, de confisco “*das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente da vida*”, para então passar a apresentar-se como “*complemento de um poder que se exerce, positivamente, sobre a vida*”. O autor afirma que: “*se o genocídio é, de fato, o sonho dos poderes modernos, não é por uma volta, atualmente, ao velho direito de matar; mas é porque o poder se situa e exerce ao nível da vida, da espécie, da raça, e dos fenômenos maciços de população*”. A preservação da espécie serviria como álibi e justificativa para massacres populacionais porque: “*São mortos legitimamente aqueles que constituem uma espécie de perigo biológico para os outros*”<sup>14</sup>.

77

A origem das políticas eugênicas raciais estaria no “mito do sangue”. Foucault menciona que há muito os historiadores da nobreza já se utilizavam deste mito, ao alegar que o sangue nobre “*trazia em si qualidades físicas de coragem, de virtude, de energia*”, mas que a modificação fundamental que fomentaria o nascimento de políticas eugênicas foi o “*aparecimento de uma biologia de tipo racista, inteiramente centrada em torno da concepção de degenerescência*”, que se deu exatamente no século XIX. O racismo inicialmente não seria uma teoria política, mas científica<sup>15</sup>. O autor reafirma esta passagem histórica em outra de suas obras<sup>16</sup>, apontando para o surgimento desta biologia de tipo racista como o germe da passagem do anti-semitismo religioso para o racial:

“O velho anti-semitismo do tipo religioso foi reutilizado num racismo de Estado somente no século XIX, a partir do momento em que se constituiu um racismo de Estado, no momento em que o Estado teve que aparecer, de funcionar e de se mostrar como o que assegura a integridade e a pureza da raça, contra a raça ou as raças que o infiltram, que introduzem em seu corpo elementos nocivos e que é preciso, conseqüentemente, expulsar por razões que são de ordem política e biológica ao mesmo tempo”.

Neste ponto, as questões da simbólica do sangue se justaporiam com a analítica da sexualidade, e “*a temática do sangue foi chamada a vivificar e a sustentar, com toda uma profundidade histórica, o tipo de poder político que se exerce através dos dispositivos de sexualidade*”, e então: “*toda uma política do povoamento, da família, do casamento, da educação, da hierarquização social, da propriedade, e de uma longa série de intervenções permanentes ao nível do corpo,*

das condutas, da saúde, da vida quotidiana, receberam então a cor e a justificação em função da preocupação mítica de proteger a pureza do sangue e fazer triunfar a raça”. Foucault prossegue apontando para o nazismo como sendo:

“a combinação mais ingênua e mais ardilosa – ardilosa porque ingênua- dos fantasmas do sangue com os paroxismos de um poder disciplinar. Uma ordenação eugênica da sociedade, com o que ela poderia comportar de extensão e intensificação dos micropoderes, a pretexto de uma estatização ilimitada, era acompanhada pela exaltação onírica de um sangue superior; esta implicava, ao mesmo tempo, o genocídio sistemático dos outros e o risco de expor a si mesmo a um sacrifício total. E a história quis que a política hitleriana do sexo tenha-se tornado uma prática irrisória, enquanto o mito do sangue se transformava no maior massacre que os homens, por enquanto, tenham lembrança.”<sup>17</sup>

O mito do sangue, que se transformou em massacre, era pautado na teoria da “degenerescência”<sup>18</sup>, e foi utilizado para justificar as denominadas “eutanasias” que inauguram a ensandecida política genocida de Hitler. O projeto, que oferecia uma morte indolor, limpa, e “digna” aos doentes que o regime considerava degenerados ou incuráveis, consistia em selecioná-los, isolá-los, impedi-los de contagiar e reproduzir e finalmente exterminá-los. Cinquenta mil alemães – sobretudo judeus<sup>19</sup>- foram enquadrados nestas categorias e mortos entre dezembro de 1939 e agosto de 1941 com monóxido de carbono em furgões adaptados ou clínicas que tinham câmaras de gás, no mesmo formato das posteriormente construídas nos campos de extermínio.

É importante apontar que foi com seu projeto eugênico que Hitler conseguiu converter seu poder de morte em poder de vida. Como diz Louis Dumont, em sua obra Individualismo, essa conversão se deu porque, apesar do racismo ser uma ideologia pessimista, toda uma propaganda de que a raça judia seria a personificação do mal foi disseminada e Hitler apontava para uma solução, um aspecto positivo: era possível acabar com o mal<sup>20</sup>. Logo, a política nazista teria se utilizado da lógica eugênica apontada por Foucault de que: “quanto mais as espécies inferiores tenderem a desaparecer, quanto mais os indivíduos anormais forem eliminados, menos degenerados haverá em relação à espécie, mais eu – não enquanto indivíduo mas enquanto espécie – viverei, mais forte serei, mais vigoroso serei, mais poderei proliferar”, portanto, “a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura”<sup>21</sup>.

Eis o alibi perfeito: Michel Foucault conclui que: “a função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo”<sup>22</sup> e não era preciso nem procurar um alvo, porque ele já estava escolhido. Segundo o autor: “Naquele momento, os judeus pareceram ser- e foram descritos como- a um só tempo, a raça presente em meio de todas as raças e aquela cujo caráter biologicamente perigoso reclama, da parte do Estado, certo número de mecanismos de recusa e exclusão.”<sup>23</sup>

O poder de vida nazista era exercido também em outra esfera. Além do extermínio dos humanos que poderiam degenerar a espécie, o projeto de Hitler previa a fabricação de seres puro-sangue, pura-raça-ariana. Segundo Lenharo<sup>24</sup>, a partir de 1935 o regime nazista criou as *Lebensborn*, que o autor classifica como sendo um misto de maternidade e haras humano. O objetivo era o de incrementar a expansão da raça ariana “*através do controle biológico da concepção e da procriação, além da subsequente educação das chamadas de ‘crianças SS’*”. As instituições aceitavam crianças oferecidas pelos pais desde que atendessem aos “critérios raciais”, mas, ainda segundo o autor, “*há indícios de que, aos poucos, as maternidades/creches se transformaram em verdadeiros haras humanos: as moças se deixavam engravidar pelos SS e se profissionalizavam como prostitutas-reprodutoras*”.

## 2- Fabricando corpos-arma e corpos-alvo

*“Segunda metade do século XVIII: o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, faz-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos”.*<sup>25</sup>

É também na eugenia e no corpo que começa a vida do soldado SS. Segundo Hannah Arendt: “*A introdução de critérios puramente objetivos no sistema de seleção das tropas SS foi a grande invenção organizacional de Himmler; selecionava os candidatos através de fotografias segundo critérios puramente raciais. A própria natureza decidia não apenas quem seria eliminado, mas também quem seria treinado como carrasco*”<sup>26</sup>

Como a tropa SS deveria ser formada pela elite do exército alemão, e para garantir a pureza de seu cristal de massa<sup>27</sup>, os soldados SS eram escolhidos segundo um método muito simples: o de “selecionar os membros da elite segundo o ‘bom sangue’ e prepará-los para ‘realizar uma impiedosa luta racial’ contra todos os que não pudessem remontar sua origem ‘ariana’ até 1750<sup>28</sup>. Em entrevista à Ilana Goldstein, a pesquisadora brasileira Paula Diehl<sup>29</sup> confirma este critério de seleção e descreve ainda que o candidato a soldado SS: “Costumava passar ainda por uma medição de crânio e a simetria na cabeça e na face eram desejáveis – Chamberlain<sup>30</sup> estabeleceu uma proporção ideal exata entre a testa e o nariz. Quanto à altura, os SS deveriam medir mais de 1,70m”. A autora relata que: “no início o limite mínimo de altura para um SS era de 1,80 m, mas, como não havia candidatos suficientes cumprindo esse pré-requisito, apenas os membros da guarda pessoal de Hitler mediam, obrigatoriamente, mais de 1,78m.”

Uma vez selecionado, o soldado SS seria introduzido no universo disciplinar mais rigoroso da Alemanha. Um sistema que visava à formação de sujeitos perfeitamente obedientes, cegamente treinados, para uma máxima eficiência em contraposição à sua nulidade crítica. Sabe-se que uma filosofia de disciplina esco-

lar militarista já estava em andamento no país desde a educação básica. Lorenzo Luzuriaga em seu livro *História da Educação e da Pedagogia*<sup>31</sup> relata que, logo após sua ascensão ao poder, Hitler imprimiu drásticas mudanças educacionais na Alemanha, as quais todos os professores foram obrigados a aderir, em todos os estabelecimentos de ensino. Ao mesmo tempo, associações extra-escolares como a Juventude Hitlerista foram organizadas e houve a criação de escolas especiais, como as “Escolas Adolf Hitler”, e os “Burgos das Ordens” para a formação de líderes, onde os soldados da SS eram formados e nas quais se impunha um regime de vida ascético, parecido com os das antigas ordens militares. Segundo o autor, as mudanças educacionais instituídas por Hitler tinham como objetivos:

- “1) Formação do homem como soldado-político e sua subordinação ao chefe supremo, O Führer.
- 2) Criação de uma consciência racial-nacional como entidade suprema,
- 3) Desenvolvimento da disciplina e da obediência cega às autoridades políticas,
- 4) Cultivo do endurecimento do corpo por modo semelhante ao treinamento militar,
- 5) subordinação da educação intelectual à política, não admitida a existência de uma ciência independente,
- 6) Supressão da liberdade e da iniciativa individual na educação da vontade,
- 7) Subordinação da educação religiosa à política nacional-socialista”.

80

Este “cultivo do endurecimento do corpo por modo semelhante ao treinamento militar” e uso da Educação Física em um adestramento corporal já estava em vigor na educação alemã desde o início do século XIX. Diversos livros de história da Educação Física remetem a obras como o “*Livro de Ginástica para os Filhos da Pátria*”<sup>32</sup>, que inauguraram uma nova perspectiva sobre a utilização da ginástica na educação escolar e inspiraram autores como Friedrich Ludwig Jahn a desenvolver uma “ginástica militar prussiana”. A partir daí, as escolas e academias militares passaram a utilizar a atividade física na preparação cívica do jovem e do soldado, e o adestramento corporal passou a ser ferramenta e reflexo disciplinar. Cabe aqui a magnífica colocação de Canetti, quando afirma que: “*O momento vital na vida de um soldado é aquele da posição de sentido diante de seu superior. Num estado máximo de tensão e receptividade, ele o tem diante de si, e a fórmula que repete – Às ordens! [Zu Befehl!] – exprime com bastante exatidão aquilo de que se trata aí*”<sup>33</sup> Este é o momento em que o corpo do soldado se apresenta na imobilidade sólida de seu gesto e no qual residem toda a disciplina e obediência adquiridas na caserna.

A respeito da educação juvenil durante o domínio nazista, Primo Levi também afirma que:

“tem-se a impressão de que por toda a Alemanha hitleriana o código e o costume da caserna deviam substituir aqueles tradicionais e ‘burgueses’: a violência insípida do Drill havia começado a invadir desde 1934 o campo da educação e se voltava contra o próprio povo alemão [...] há notícias de marchas extenuantes impostas a rapazes e moças, no quadro dos exercícios pré-militares: até cinquenta quilômetros por dia, com mochilas às

costas, e nenhuma piedade pelos retardatários. Os pais e os médicos que ousavam protestar eram ameaçados com punições políticas”<sup>34</sup>

A descoberta do corpo como objeto e alvo de poder está magistralmente descrita por Foucault, no capítulo *Corpos Dóceis* de sua obra *Vigiar e Punir*, no qual o autor relata o desenvolvimento das disciplinas que passariam a incidir sobre os corpos para o adestramento dos sujeitos. A epígrafe que abre este capítulo é descrição das mudanças acarretadas neste momento histórico, na qual o soldado deixa de ser um indivíduo talhado naturalmente para passar a ser “fabricável” a partir da docilização de seu corpo. Para Foucault: “*é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado*”<sup>25</sup>. A fabricação destes corpos teria objetivos não só de aumentar suas habilidades ou aprofundar sua sujeição, mas de criar uma relação na qual o corpo se tornaria “mais obediente quanto é mais útil”<sup>26</sup>.

Sem dúvida, a docilização dos corpos integrou o Holocausto não só nas técnicas de formação do soldado SS, mas também na subjugação dos prisioneiros. Segundo Primo Levi:

“sob muitos de seus aspectos mais penosos e absurdos, o mundo concentracionário era tão somente uma versão, uma adaptação da prática militar alemã. O exército dos prisioneiros dos Lager devia ser uma cópia inglória do exército propriamente dito: ou melhor, uma sua caricatura [...] A farda obrigatoriamente com cinco botões, a marcha ao som da banda, o rito de arrumar a cama que nos campos ‘era uma operação sagrada, a ser executada segundo regras férreas’<sup>27</sup>.

81

Aparentemente, a série de disciplinas corporais impostas aos soldados e aos prisioneiros tinha como objetivo principal eliminar a possibilidade de refletir, questionar e agir modificando a realidade. Uma das respostas para as perguntas feitas no início deste trabalho está na negação do direito de ser e de pensar que produziu tanto máquinas de matar como fantasmas em vida. Corpos-arma de soldados treinados para obedecer sem questionar exerciam poder sobre corpos-alvo de prisioneiros privados de espaço subjetivo. Os objetivos circunstanciais dos condenados não eram mais do que imediatos, e suas preocupações restringiam-se ao minuto seguinte: a sopa, a dor, o frio, a exaustão. Toda a sua energia estava aplicada e utilizada em como escapar das moléstias, como sobreviver à hora porvir. Também lhes foi retirado o direito de fazer perguntas: um sem-fim de não-respostas, acrescidos de pancadas, condicionaram o seu silêncio.

De fato, não houve porquês para a viagem de trem que fizeram amontoados como carga, e nem mesmo importava o destino, o importante era chegar vivo. Na chegada ao campo, mesmo que pensassem: “*aqui estamos todos, trancados, nus, tosquiados [...] por que, então, nos deixam aqui de pé e não nos dão de beber e ninguém nos explica nada; e estamos sem sapatos, sem roupa, com os pés na água, e faz frio, e há cinco dias que viajamos e nem podemos sentar*”<sup>28</sup>, não ousavam perguntar, pois havia o desconhecimento do instante seguinte e a iminência da morte.

Quando amontoados em barracões, onde se podia ver: “cento e quarenta e oito beliches de três camas cada um, encaixadinhos um no outro como células de colméia, de modo a aproveitar todo o vão, até o teto”<sup>39</sup>, e nos quais a realidade era corredores “tão estreitos, que mal dão para duas pessoas se cruzarem; o espaço disponível tão pequeno, que os moradores de um bloco só cabem nele quando a metade está deitada nos beliches”<sup>40</sup>, nada disso importava porque, afinal, ainda se estava vivo para dormir, e se o desconforto parecia suportável, a privacidade já era absolutamente supérflua. Não havia mais espaço nem necessidade para pensar, uma vez que: “Destruindo todo o espaço entre os homens e pressionando-os uns contra os outros, destrói-se até mesmo o potencial produtivo do isolamento”<sup>41</sup>

Os porquês vão sendo esmagados um a um pela rotina diurna do campo, que consiste em: “Infindáveis e insensatos são os rituais obrigatórios: cada dia, de manhã, deve-se arrumar a cama, perfeitamente, plana e lisa; passar nos tamanhos barrentos a graxa patente para isso destinada; raspar as roupas das manchas de barro”, a qual segue-se a noturna e dos finais de semana: “submeter-se ao controle dos piolhos e ao da lavagem dos pés; aos sábados, fazer-se barbear e raspar o cabelo, cerzir ou fazer-se cerzir os farrapos; aos domingos, submeter-se ao controle geral da sarna e ao dos botões do casaco”<sup>42</sup>

82

Entre o despertar matinal dos banhos gelados e o ritual noturno de limpar as feridas, espremia-se o trabalho, para o qual também não havia porquês. Na maior parte das vezes, o trabalho nos campos de concentração servia para sustentar a própria estrutura concentracionária - consertar os trilhos dos trens que transportam prisioneiros, construir e reconstruir barracões, muros, depósitos. Algumas vezes a crueldade podia residir exatamente no conhecimento da inutilidade do esforço. Primo Levi aponta para os relatos das mulheres de Ravensbrück que narraram jornadas intermináveis: “a remover areia das dunas; em círculos, sob o sol de julho, cada deportada devia colocar a areia de seu monte para o monte da vizinha da direita, num círculo sem meta nem fim”<sup>43</sup>. O trabalho nos campos parece ter tido o objetivo principal de preencher as horas, neutralizando qualquer subjetividade e reduzindo o homem a objeto, “sendo por si mesmo uma maquinaria que transforma o prisioneiro violento, agitado, irrefletido, em uma peça que desempenha seu papel com perfeita regularidade”<sup>44</sup>.

Primo Levi atesta a eficiência do sistema que transformava homens em peças de engrenagem e os levaria à total separação de sua subjetividade. O autor afirma que, na esmagadora maioria dos casos, o comportamento do prisioneiro foi ferreamente condicionado, e que: “ao cabo de poucas semanas ou meses, as privações a que foram submetidos os conduziram a uma condição de pura sobrevivência, de luta cotidiana contra a fome, o frio, a fadiga, o espancamento, condição na qual o espaço para as escolhas (especialmente para as escolhas morais) estava reduzido a nada”<sup>45</sup>.

Esta é também a resposta para o último dos porquês deste capítulo: por que os prisioneiros não se mataram a tempo de interromper o suplício? Os inúmeros suicídios logo após a libertação frente aos raríssimos casos durante a prisão tornam esta questão ainda mais intrigante, e Levi propões três explicações<sup>46</sup>. Primeira: o suicídio é próprio dos homens e não dos animais, é resultado de uma escolha, e o Campo não deixava espaço/tempo para as escolhas, “*vivia-se como animais subjugados*”; segunda: havia mais no que pensar; ocupava-se o pensamento em como suplantar a fome, o frio, as dores, o cansaço, e “*justamente pela iminência da morte, faltava o tempo para concentrar-se na idéia da morte*”; terceira, uma das causas do suicídio seria a culpa, e os suplícios nos campos já eram punição suficiente para quaisquer culpas que se pudesse carregar.

### 3- Morte e Invisibilidade

Além das disciplinas aplicadas ao corpo, outras questões essencialmente corpóreas estão implicadas no Holocausto. Novamente, aqui, trata-se tanto do corpo-arma do soldado quanto ao corpo-alvo do judeu. Duas estratégias monstruosas foram colocadas em prática com o objetivo de minimizar o significado das mortes em série: a primeira delas é o que denominaremos “descorporificação do assassinato”, e a segunda é a “desumanização das vítimas”.

#### 3.1- Sobre a descorporificação do assassinato:

Os campos de concentração estavam inicialmente entregues à S.A. - conhecida por sua barbárie e violência. Nesta ocasião, os prisioneiros eram fuzilados sumariamente já diante das valas que encerrariam seus corpos amontoados. O efeito psicológico nos soldados da brutalidade de seu gesto, conjugada ao sangue e gritos das vítimas, começava a causar preocupação no alto comando nazista<sup>47</sup>, que, ao substituir a antiga S.A por sua elite da SS, buscou modificações que visavam a preservar seus soldados da culpa e manter sua integridade psicológica. Segundo Arendt, no momento em que a SS assumiu o controle dos campos, uma nova filosofia da morte se instalou pela industrialização. “*A antiga bestialidade espontânea cedeu lugar à destruição absolutamente fria e sistemática de corpos humanos, calculada para aniquilar a dignidade humana. Os campos já não eram parques de diversões de animais sob a forma humana, isto é, homens que realmente deveriam estar no hospício ou na prisão; agora eram ‘campos de treinamento’, onde homens perfeitamente normais eram treinados para tornarem-se perfeitos membros da SS*”<sup>48</sup>.

O perfeito membro da SS foi poupado do próprio gesto de violência. Na imensa maioria dos casos, não recebeu o coice dos tiros, sequer empunhou a arma, não viu sangue nem cadáveres. Isso foi conseguido através do método da “invisibilidade das vítimas” apontada por Bauman<sup>49</sup>, obtida através da construção das primeiras câmaras de gás nos campos. Estas câmaras consistiam em uma

adaptação imóvel dos já mencionados furgões utilizados no projeto de “eutanasia”: casas hermeticamente fechadas que possuíam um orifício por onde entrava o monóxido de carbono expelido pelos canos dos caminhões estacionados do lado de fora<sup>50</sup>.

Estas câmaras primárias foram utilizadas por pouco tempo, pois não atendiam a demanda de assassinatos planejados com a entrada em vigor da famigerada “Solução Final”. A partir de então, seria necessário matar de maneira mais eficiente, limpa, em maior escala, e era também desejável que a participação de soldados no processo de “fabricação das mortes” decrescesse proporcionalmente. Foi então que se iniciaram as construções de câmaras de gás mais modernas, como as que foram encontradas em Auschwitz: um arrojado projeto arquitetônico no qual salas imensas abrigariam as “peças” a serem “abatidas”, com orifícios no teto pelos quais seriam despejados cristais do pesticida Zyklon B – outra evolução da química germânica. As mortes passariam a acontecer por intoxicação pelo gás desprendido dos cristais, e as câmaras modernas *“reduziram o papel de matador ao de ‘funcionário sanitário’ que devia esvaziar um saco de ‘desinfetantes químicos’ por uma abertura no teto de um prédio cujo interior não o estimulava a visitar”*<sup>51</sup>. A partir deste momento, o assassinato estaria completamente descorporeizado no soldado. Sabe-se também que os soldados foram poupados até do trabalho subsequente de recolher e cremar os corpos, que, assim como a exumação dos que restaram ao período de fuzilamentos, foram feitos pelos sonderkommandos - prisioneiros judeus. Segundo Arendt: *“O novo sistema mecanizado procurava atenuar o sentimento de responsabilidade na medida do humanamente possível”*<sup>52</sup>.

Obviamente, nem todas essas medidas foram suficientes para evitar que os soldados SS adquirissem algo de animalesco e nenhum avanço tecnológico impediu que o sistema nazista fabricasse seus monstros. Das muitas referências encontradas nos livros sobre a crueldade dos soldados SS e os suplícios a que suas vítimas eram submetidas, cabe aqui o depoimento de um guarda da SS dado a David Rousset<sup>53</sup>. “geralmente eu continuo a bater até ejacular. Tenho uma esposa e três filhos em Breslau. Antes eu era perfeitamente normal. Foi isso que eles fizeram de mim.”

### 3.2- Sobre a desumanização das vítimas:

O outro mecanismo utilizado pelo sistema nazista para viabilizar o massacre incidiu nos corpos dos prisioneiros antes da chegada à câmara de gás. O avançado sistema industrial de mortes - que retirou do soldado parte da responsabilidade nos crimes - talvez não tivesse sido suficiente se, de alguma maneira, os agentes SS se identificassem com as vítimas. Era importante desfazer qualquer semelhança que pudesse ligar os corpos-alma aos corpos-alvo em sua humanidade. Como diz Levi: antes de morrer, a vítima deveria ser degradada, *“a fim de que o assassino sinta menos o peso de seu crime”*<sup>54</sup>, mas, como diz Arendt, o problema

implicado nesta desumanização da vítima estaria em “*fabricar algo que não existe, isto é, um tipo de espécie humana que se assemelhe a outras espécies animais*”<sup>55</sup>.

Para que tudo funcionasse a contento, era imprescindível que o prisioneiro já chegasse ao seu cadafalso destituído de sua humanidade, tanto diante de si quanto de seu carrasco. Descreveremos a seguir como se deu esta “desvairada fabricação em massa de cadáveres” que foi “*precedida pela preparação, histórica e politicamente inteligível, de cadáveres vivos*”<sup>56</sup>.

Hannah Arendt, em seu livro “Origens do Totalitarismo”, descreve os três passos para o domínio completo sobre os indivíduos. O primeiro passo seria matar a Pessoa Jurídica do homem – destruindo seus direitos, excluindo-o da proteção da lei, incluindo-o na categoria de acusado, e imputando-lhe uma nova classificação identitária dentro da lógica persecutória; o segundo passo seria a destruição da Pessoa Moral do homem – corrompendo-o em sua humanidade e solidariedade, retirando de seus gestos o significado social, colocando-o na mais absoluta solidão e retirando-lhe, inclusive, a própria “existência”: “*tornando anônima a própria morte e tornando impossível saber se o prisioneiro está vivo ou morto, roubaram da morte o significado de desfecho de uma vida realizada. Em certo modo roubaram própria morte do indivíduo [...] a morte apenas selava o fato de que ele jamais havia existido*”<sup>57</sup>; o terceiro e definitivo passo seria destruir a Pessoa Humana, a individualidade, a identidade única do homem. É neste ponto que aparece o Corpo. Todos os suplícios que os judeus foram submetidos neste terceiro passo tinham como objetivo “*manipular o corpo humano – com suas infinitas possibilidades de dor*”<sup>58</sup>.

Primeiro retiraram-lhes o direito de ir e vir, em seguida as casas, amontoando-os para viver cercados como animais. A destruição da pessoa humana muitas vezes começara bem antes dos prisioneiros chegarem ao campo: ela começara no Gueto. Estima-se que 445 mil pessoas viveram no gueto de Varsóvia. Destas, 83 mil morreram em menos de 20 meses em decorrência da miséria. Em Lodz eram 200 mil judeus, numa densidade média de 5,8 habitantes por cômodo<sup>59</sup>. A sobrevivência nestes locais já era um jogo de azar, e foi ali que desumanização dos judeus começou seu curso. A vida nestes locais é assim descrita por Marek Edelman<sup>60</sup>,

“As pessoas que nada têm caçam a esquiva ‘felicidade’ que há numa batata mofada encontrada numa lata de lixo ou num pedaço de pão jogado na mão mendicante por um transeunte; elas querem esquecer a fome, pelo menos por um breve momento... mas a fome aumenta dia a dia, trasborda de apartamentos entupidos de gente para as ruas, fere os olhos com as imagens das pessoas monstruosamente esqueléticas, pernas cobertas de pústulas e úlceras enroladas em trapos imundos, com chagas e feridas causadas pelo frio e subnutrição”.

Por fim, seleções arbitrárias determinavam quem sairia do Gueto rumo à esta-

ção. Seguiu-se então o suplício do trem: “*vagões de carga, trancados por fora, e, dentro, homens, mulheres e crianças socados sem piedade, como mercadoria barata, a caminho do nada, morro abaixo, para o fundo*”<sup>61</sup> Primo Levi prossegue seu relato: “*sofriamos com a sede e o frio; a cada parada, gritávamos pedindo água, ou ao menos um punhado de neve, mas raramente fomos ouvidos*”[...]“*então alguém acendia a chama mortífera de uma vela, revelando no chão um escuro ferver, uma massa humana confusa e contínua, entorpecida e sofrendo, erguendo-se aqui e acolá em convulsões repentinas, logo sufocadas pelo cansaço*”<sup>62</sup>. Ainda ali, outra drástica mudança: “*evacuar em público era angustiante ou impossível: um trauma para o qual nossa civilização não nos prepara, uma ferida profunda infligida à dignidade humana, um atentado obscuro e cheio de presságios*”<sup>63</sup>.

Na chegada ao campo, nova seleção, e aos sobreviventes sucede outro choque, no ritual de iniciação do desnudamento, banho e tosquiamento que ao fim revelava aos prisioneiros a nova verdade: “*Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar*”<sup>64</sup>. O ritual de iniciação terminaria com a marca: “*Meu nome é 174.517; fomos batizados, levaremos até a morte essa marca tatuada no braço esquerdo [...]*”, “*Ao que parece, esta é a verdadeira iniciação: só ‘mostrando o número’ recebe-se o pão e a sopa. Precisamos de vários dias e de muitos socos e bofetadas, até criarmos o hábito de mostrar prontamente o número, de modo a não atrapalhar as cotidianas operações de distribuição de víveres.*”<sup>65</sup> Segundo Levi: “*a operação era pouco dolorosa e não durava mais que um minuto, mas era traumática. Seu significado simbólico estava claro, para todos: este é um sinal indelével, daqui não sairão mais; esta é a marca que se imprime nos escravos e nos animais destinados ao matadouro, e vocês se tornaram isso*”<sup>66</sup>. Além disso, a marca na carne ainda tinha outro significado cultural violento: a tatuagem é proibida pela lei mosaica.

Nos dias subsequentes, o prisioneiro teria de se acostumar com diversos “desnudamentos vexatórios”, para os controles sanitários ou para a seleção de trabalho e extermínio. Levi novamente aponta para a perda de referencial humano, dizendo que “*um homem nu e descalço sente os nervos e os tendões truncados: é uma presa inerte. As roupas, mesmo aquelas imundas que eram distribuídas, mesmo os sapatos ordinários com sola de madeira, são uma defesa tênue, mas indispensável. Quem não as tem não se percebe a si mesmo como um ser humano, e sim como um verme: nu, lento, ignóbil, vergado ao chão. Sabe que poderá ser esmagado a todo momento*”<sup>67</sup>.

Das necessidades básicas dos seres humanos, nenhuma era atendida, e a saúde também começava a perder para a morte: “*Quinze dias depois da chegada, já tenho a fome regulamentar, essa fome crônica que os homens livres desconhecem;*

*que nos faz sonhar, à noite; que fica dentro de cada fragmento dos nossos corpos [...] Já apareceram, no peito de meus pés, as torpes chagas que nunca irão sarar. Empurro vagões, trabalho com a pá, desfaleço na chuva, tremo no vento; mesmo meu corpo já não é meu; meu ventre está inchado, meus membros ressequidos, meu rosto úmido de manhã e chupado à noite; alguns de nós tem a pele amarelada, outros cinzenta; quando não nos vemos durante três ou quatro dias, custamos a reconhecer-nos”<sup>68</sup>.*

*“Aprendemos o valor dos alimentos: nós também, agora, raspamos o fundo da gamela, e a seguramos debaixo do queixo quando comemos pão, para não desperdiçar migalhas. Nós também, agora, sabemos que não é a mesma coisa receber uma concha de sopa retirada da superfície, ou do fundo do panelão”<sup>69</sup>.* Também não eram fornecidas as tão civilizadas colheres, e inicialmente, antes de se obter uma no câmbio negro dos campos, o alimento diário - a sopa - devia ser sorvido “como fazem os cães”<sup>70</sup>. Convivia-se também com a sede, que seria “*mais imperiosa que a fome; a fome obedece aos nervos, concede adiamento, pode ser temporariamente coberta por uma emoção, uma dor, um medo... mas não a sede, que não dá trégua. A fome extenua, a sede enfurece*”<sup>71</sup>. Os ciclos humanos tampouco existiam. Além da desnutrição que acarreta a amenorréia, as mulheres ao chegarem ao campo recebiam um remédio conhecido como “Brom”, que era colocado na comida e impedia a menstruação dali em diante<sup>72</sup>.

Enfim, ao chegar à porta da câmara, no momento de seu “abate”, nem os prisioneiros viam mais em si traços de humanidade, nem os carrascos podiam vislumbrar naqueles trapos humanos algo de semelhante. Podemos dizer ainda que as crueldades prosseguiram do Soma ao Ptoma<sup>73</sup>, e mesmo após a morte os corpos subjugados continuaram alvo das inomináveis atrocidades cometidas pelos nazistas, pois também para a destruição dos restos mortais foi elaborado um plano progressivo: “A primeira solução, tão macabra que é difícil de falar dela, foi a de empilhar simplesmente os corpos, centenas de milhares de corpos, em grandes fossas comuns”<sup>74</sup>. Levi prossegue contando que os cabelos cortados das mulheres judias eram encaminhados para fabricantes alemães que se utilizavam destes na confecção de aniagem e outros tecidos. As cinzas humanas, ainda contendo dentes e vértebras, foram utilizadas no aterro de pântanos, no isolamento térmico de construções, como fertilizante, como saibro. Enfim, “*os despojos humanos após a morte; àqueles despojos que toda a civilização, a partir da mais longínqua pré-história, respeitou, honrou e às vezes temeu. O tratamento a que eram submetidos nos Lager queria expressar que não se tratava de restos humanos, mas de matéria bruta, indiferente*”<sup>75</sup>.

#### 4- Apontamentos para outras abordagens

Do ponto no qual este trabalho se encerra pode-se vislumbrar um infinito universo de possibilidades para abordar a corporeidade no Holocausto. Não mencionamos aqui as abomináveis experiências “médicas” as quais os prisioneiros

ros dos campos de concentração foram submetidos. Não mencionamos Josef Mengele e seu cientificismo sádico de submergir humanos vivos em tanques de água gelada e depois em câmaras de descompressão, para estabelecer em que altitude o sangue humano fervia, nem nos órgãos humanos que colecionava, nem os gêmeos idênticos que assassinou de maneiras distintas para autopsiar simultaneamente, nem os úteros petrificados e membros amputados. Não mencionamos que a medicina de Estado nasceu na Alemanha<sup>76</sup>, nem os cursos de “medicina nazista”<sup>77</sup> que entraram em vigor no país durante o domínio do Terceiro Reich. Não foi abordado o uso do corpo na propaganda nazista, nem as heranças físicas do Holocausto nos sobreviventes, nem a prostituição compulsória nos campos, nem muitos outros detalhes dos suplícios impostos, as epidemias ou a tragicidade poética da colocação de Levi de que “a morte começa pelos sapatos”. Conclui-se que cada episódio da história da humanidade poderia ser descrito através da corporeidade, por muitos vieses. Repetindo a epígrafe de abertura deste trabalho: “É pelo estudo dos mecanismos que penetram nos corpos, nos gestos, nos comportamentos, que é preciso construir a arqueologia das ciências humanas<sup>78</sup>”, porque a história, a política, os mecanismos sociais operam originária e essencialmente no Corpo dos homens. Eis a verdade, cuja visão foi obstruída durante séculos: “quando dizem que as ações humanas dependem da vontade, dizem meras palavras das quais não têm nenhuma idéia. Efetivamente, todos ignoram o que seja vontade e como é que ela move o corpo”<sup>79</sup>.

### Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ESPINOSA, Baruch. *Coleção Os pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder* – Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I*. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LENHARO, Alcir. *Nazismo “O triunfo da Vontade”*. São Paulo: Ática, 2003.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.  
 \_\_\_\_\_ *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LEVY, Sofia Débora. *Oito relatos Sobre Viver antes, durante e depois do Holocausto por homens e mulheres acolhidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

LUZURIAGA, Lorenzo. *História da educação e da pedagogia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Vega, 1999.

VILLAÇA Nízia e GÓES, Fred. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

### Filmografia

Arquitetura da Destruição (Suécia, 1989/92). Direção: Peter Cohen

O Triunfo da Vontade. (Alemanha, 1934/35) Direção: Leni Riefenstahl

Olympia. (Alemanha, 1938) Direção: Leni Riefenstahl

Auschwitz – a fábrica de morte do império nazista volumes I e II. (Produção original: BBC, 2005. Distribuído no Brasil pela Editora Abril, 2007).

### Notas

1 FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder* – Rio de Janeiro: Graal, 1984. (p.150)

2 Adolf Eichmann, membro do alto escalão burocrático da SS, considerado um dos “arquitetos da Solução Final”, capturado em Buenos Aires em maio de 1960 e levado a julgamento em Israel em 1961.

3 ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (p.22)

4 Em razão de objetivarmos apontar questões pertinentes ao anti-semitismo, focaremos o estudo no tratamento destinado a estes durante o regime nazista.

5 ROUSSET, David. *Les Jour de notre mort*. Paris, 1947 (in ARENDT,op.cit., p. 22)

6 Leni Riefenstahl – cineasta alemã. Diretora dos filmes de propaganda do Terceiro Reich: *Olympia* e *O Triunfo da Vontade*

7TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Vega, 1999. (p. 102)

8 VILLAÇA, Nízia e GÓES, Fred. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (p.48)

9 FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (p.309)

10 Utilizaremos principalmente observações feitas nos livros *Historia da Sexualidade (volume I)*, *Em Defesa da Sociedade* e *Microfísica do Poder*.

11 FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (p.304)

- 12 FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. (p.131)
- 13 FOUCAULT, Michel. Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (p.302)
- 14 FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. (pags.128-130)
- 15 FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder – Rio de Janeiro: Graal, 1984. (p.271)
- 16 FOUCAULT, Michel. Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2005 (p.101)
- 17 FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. (p.140)
- 18 Teoria elaborada na França entre 1850 e 1900 pelos alienistas, fundamentada no princípio da hereditariedade das anormalidades e da loucura
- 19 Segundo levantamento feito pelo diretor Peter Cohen para seu documentário “Arquitetura da Destruição”, médicos nazistas eram os responsáveis por determinar quais pacientes seriam submetidos à denominada “Eutanásia” e os doentes judeus foram altamente “privilegiados” neste projeto, sendo sempre indicados para a morte.
- 20 DUMOND, Louis. Individualismo. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. (p. 155)
- 21 FOUCAULT, Michel. Em Defesa da Sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (p.305)
- 22 Idem p.305 e 306
- 23 Idem p.101
- 24 LENHARO, Alcir. Nazismo “O triunfo da Vontade”. São Paulo: Ática, 2003. (p.70)
- 25 FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999 (p. 117)
- 26 ARENDT, Hannah Origens do Totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (p.520)
- 27 Termo utilizado por Elias Canetti: “Designo cristais de massa grupos pequenos e rígidos de homens, muito bem delimitados e de grande durabilidade, os quais servem para desencadear as massas” - CANETTI, Elias. Massa e Poder. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, (p. 72)
- 28 Esta descrição está contida no livro de Himmler: Nazi Conspiracy, citada por Hannah Arendt em Origens do Totalitarismo p. 435
- 29 Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Encenações do Corpo (Körper-Inzenierungen), da Universidade Livre de Berlim. Entrevista disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/1918,1.shl>
- 30 H.S Chamberlain – teórico inglês que influenciou as teorias do racismo nazista. Discípulo de Gobineau, pai da escola antropológica que utilizava a frenologia – “ciência” que associa o comportamento do homem com as medidas externas de seu crânio. Chamberlain era genro de Richard Wagner, ídolo de Hitler
- 31 LUZURIAGA, Lorenzo. História da Educação e da Pedagogia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985. (p.212)
- 32 LUZURIAGA, Lorenzo. História da educação e da pedagogia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985. (p.212)
- 33 Livro de autoria de Guths Muths- pedagogo alemão, criador da ginástica pedagógica moderna, editado em 1817
- 34 CANETTI, Elias. Massa e Poder. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (p. 312)
- 35 LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (p.102)
- 36 FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999 (p. 118) FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1987. (p.118)
- 37 Idem p. 119
- 38 LEVI, Primo. Afogados e Sobreviventes. (p. 101) - normas sobre a arrumação da cama eram levadas ao extremo, quem não as cumprisse era punido pública e severamente e havia dois funcionários encarregados denominados “bettnachzieher” (controladores de cama) que se encarregavam de conferir sua arrumação ao final.
- 39 LEVI, Primo. É isto um homem? Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (p.22)
- 40 Idem p. 30
- 41 Idem p. 31
- 42 ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalita-

- risimo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (p.530)
- 43 LEVI, Primo. É isto um homem? Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (p.32)
- 44 LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (p.104)
- 45 FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999 (p. 204) FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1987. (p.204)
- 46 LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (p.42)
- 47 LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (p.66)
- 48 “Aos Einsatzkommandos, que nas retaguardas da frente russa metralhavam os civis à beira das valas comuns que as próprias vítimas eram obrigadas a cavar, era distribuído álcool à vontade, de modo que o massacre fosse encoberto pela embriaguez” (idem p. 26)
- 49 ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (p.505)
- 50 BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Holocausto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. (p.46)
- 51 A evolução dos projetos das câmaras de gás é descrita no documentário “Auschwitz” – a fábrica de morte do império nazista, produzido pela BBC e citado na filmografia deste trabalho.
- 52 BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Holocausto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998. (p.46)
- 53 ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (Notas p. 505)
- 54 Idem (Notas p. 505)
- 55 LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (p.108)
- 56 ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (p.488)
- 57 Idem p. 498
- 58 ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo – anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (p. 503)
- 59 Idem p. 504
- 60 Fonte: <http://www.morasha.com.br>
- 61 Sobrevivente e um dos líderes da revolta do gueto de Varsóvia a (in BAUMAN p. 171)
- 62 LEVI, Primo. É isto um homem? Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (P.15)
- Idem p. 16
- 63 LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (p.96). Na mesma obra o autor diria sobre o ato de evacuar em público que: “em poucas semanas o mal-estar se atenuava até desaparecer: sobrevinha (não para todos!) o costume, o que é um modo caridoso de dizer que a transformação de seres humanos em animais já estava a meio caminho” (p. 97)
- 64 LEVI, Primo. É isto um homem? Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (P.24)
- 65 Idem p. 26
- 66 LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (p.103).
- 67 LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (p.98).
- 68 LEVI, Primo. É isto um homem? Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (p.35)
- 69 Idem p. 31
- 70 LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (p.98).
- 71 Idem p. 69
- 72 Segundo a sobrevivente Maria Yefremov, em entrevista à pesquisadora Sofia LEVY, publicada no livro Sobre Viver
- 73 Termos gregos que designam o corpo respectivamente vivo e morto.
- 74 LEVI, Primo. Os afogados e os sobreviventes. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (p.11)
- 75 Idem p. 107
- 76 Referência em FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder – Rio de Janeiro: Graal, 1984. (p.80)
- 77 Referência no filme Arquitetura da Destruição
- 78 FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder – Rio de Janeiro: Graal, 1984. (p.150)
- 79 ESPINOSA, Baruch. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (p.254)